

A PERDA DA IDENTIDADE EM PACIENTES COM ALZHEIMER, QUAL O IMPACTO PARA O PACIENTE E A FAMÍLIA?

Ana Paula Ribeiro dos Santos¹; Mikaele da Costa Gomes Monteiro²; Jéssica Michelle dos Santos Silva³; Andressa César Bomfim Ferreira⁴; Luciana Carla de Andrade Lopes⁵ (Orientadora).

Faculdade Estácio de Alagoas, paulamcz2011@outlook.com¹, mikaele-gomes@hotmail.com², jessicamichelle_santos@hotmail.com³, andressabomfim@hotmail.com⁴ e landrade.lc@gmail.com⁵.

INTRODUÇÃO

A doença de Alzheimer (DA) compreende cerca de 60% de todas as demências, tornando-se a principal causa de demência (LoGiudice, 2002). O início da doença se dá frequentemente em torno dos 60, 70 e 80 anos de idade, mas em casos raros pode aparecer aos 40 ou 50 anos, conhecida como demência de início precoce.

A etiologia da doença ainda não é conhecida, mas estudos de como a doença ataca as células mostra um acúmulo de placas senis que contém a proteína B-amiloide sobre os neurônios. Segundo Heyman, 1984 os fatores genéticos parecem ser relevantes comprovando que história familiar positiva para DA é um fator sistemático associado à doença.

Os critérios diagnósticos do DSM-V são a presença de comprometimento da memória e a associação de pelo menos outro sintoma de declínio cognitivo, declínio gradual e continuado do funcionamento geral, comprometimento do funcionamento social ou ocupacional exclusão de outras demências.

Kapezinski et. al. (2011) afirmam que em estágios iniciais da doença de Alzheimer, a perda da memória pode ser percebida de maneira episódica e por meio da dificuldade da aquisição de novas habilidades, com os prejuízos evoluindo de forma gradual para outras funções. Nos estágios mais avançados são comuns alterações autonômicas e comportamentais, como irritabilidade e agressividade, sintomas psicóticos, incapacidade de deambular, falar e realizar cuidados de higiene pessoal.

Com a debilidade da memória em pacientes com Alzheimer a identidade desses sujeitos sofre uma ruptura quando estes não mais conseguem exercer seu papel na família e nos grupos sociais dos quais participa, a relação entre a memória e a identidade evidencia a importância de ambas para a manutenção da nossa história.

A demência de Alzheimer tornou-se uma doença muito frequente na atualidade, e o presente trabalho contribui com esclarecimentos sobre os estágios da doença e suas implicações na vida cotidiana dos pacientes e da família.

METODOLOGIA

Para compreendermos a relação entre a perda da memória e da identidade e o impacto na vida do paciente com DA e de suas famílias analisaremos a história da personagem Alice contada no filme “ para sempre Alice”(2014). O enredo do filme nos proporciona vivenciar situações de convívio do dia a dia de um paciente com Alzheimer e sua família.

Diretores: Richard Glazer e Wash Westmoreland, Elenco: Julianne Moore, Alec Baldwin, Kristen Stewart, Kate Bosworth, Hunter Parrish, Shane McRae, Stephen Kunken, Victoria Cartagena, Seth Gilliam, Daniel Gerroll, Erin Darke, Kristin Macomber, Caridad Montanez, Produção: James Brown, Pamela Koffler e Lex Lutzus, Roteiro: Richard Glatzer e Wash Westmoreland, Autor da obra em que se baseou o roteiro: : Lisa Genova, Título original: Still Alice Ano: 2014, País de origem: EUA, Gênero: Drama, Cor: Colorido e Duração: 101 minutos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No filme: “para sempre Alice” (2014) a personagem Alice tem alzheimer precoce um tipo raro da doença que se inicia por volta dos 40 anos e tem uma probabilidade muito alta de ser genética. Ela é uma professora de linguística respeitada, autora de livros, além de ser bem-sucedida na profissão é casada com John e mãe de três filhos: Anna, Tom e Lydia.

Em uma viagem para Los Angeles para apresentar uma palestra manifesta-se seu primeiro lapso de memória. Após se perder em uma corrida na universidade na qual trabalha Alice resolve procurar um neurologista e ele solicita alguns exames para que ela traga na próxima consulta. Quando a professora volta a ver o neurologista e leva os exames requisitados ele a informa que seus sintomas são compatíveis com Alzheimer precoce que tem uma probabilidade muito forte de ser genético. Alice se depara com uma situação na qual ela se sente impotente e que não pode superar sozinha, ela conta para John, ela se desespera na frente de seu marido. Preocupada com a possibilidade de um dos filhos também apresentar a doença Alice demonstra um sentimento de culpa e resolve contar para os filhos.

Conforme ABREU 2014, a memória é o meio pelo qual retemos e nos valemos de nossas experiências passadas para usar essas informações no presente. A memória é indispensável para a noção de continuidade da identidade é ela que mantém os traços permanentes da nossa identidade, apesar das mudanças interiores e exteriores que sofremos.

DUBAR (1997) para ele a identidade para si não se separa da identidade para o outro pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro.

Segundo CIAMPA (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da interseção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos.

Os lapsos de memória se agravam e forçam que Alice deixe seu trabalho, algo que a realiza. De acordo com Leandro Konder:

Através do trabalho, o ser do homem se distingue do ser dos animais e do ser das coisas: o sujeito humano passa a poder se assumir como sujeito em contraposição ao objeto. Através do trabalho, o homem não só se apropria da natureza como se afirmar e se expande, se desenvolve, se transforma, se cria a si mesmo (KONDER,).

Para Alice o trabalho tem um valor relevante em sua vida e os conceitos como: status, reconhecimento, autonomia, realização pessoal que fazem parte da construção da sua identidade são consequência do seu trabalho como escritora e a saída do mercado de trabalho causa em Alice uma sensação de perecimento diante da sociedade que sempre lhe privilegiou.

Quando ela diz que preferiria ter câncer e tem vergonha de ter alzheimer ela sabe que sua autonomia está desaparecendo e sua morte social está prestes a acontecer.

No natal no qual Alice apresenta-se duas vezes a namorada de Tom seu filho, fica subentendido a existência de amnésia anterógrada, ou seja, a incapacidade de fixar lembranças do momento (do início da doença em diante). Segundo DAMÁSIO (2000) a doença de Alzheimer nos mostra em seus quadros iniciais com a perda da memória à medida que aumenta essa devastação, observa-se uma degradação progressiva da consciência de si mesmo.

A cena na qual Alice não encontra o banheiro e urina na própria roupa deixa clara a angústia de sentir-se incapaz.

A doença traz como consequência a perda da própria identidade que não é reconhecida nem por si nem pelos outros e esse é um processo progressivo e contínuo.

Alice proclama que a memória é um conjunto de experiências que constrói nossa identidade. Ela diz “Eu não estou sofrendo, eu estou lutando, lutando para fazer parte das coisas. Para me manter ligada a pessoa que eu era. Eu digo a mim mesma: ‘viva o momento’. É tudo o que posso fazer. Viver o momento”.

Seguindo a análise do filme “para sempre Alice” vimos que o avanço da doença de Alzheimer precoce é muito rápido surpreendendo a família e suscitando reações distintas. O resultado do exame da filha Anna dá positivo para o gene da doença, a partir daí começam os conflitos familiares, Anna tem dificuldade de falar sobre a doença, o marido de Alice resolve viajar a trabalho e a filha Lydia é que decide nestes momentos decisivos da doença da mãe manter com ela uma relação forte e profunda. Há um momento no filme no qual a Alice não reconhece a filha Lydia e esse quadro é muito confuso para a família.

A falta da memória provocada pela doença torna difícil a própria identificação do paciente e conseqüentemente as pessoas da família esperam se relacionar com uma pessoa que não existe mais. Na fase mais avançada da doença a amnésia retrógrada, considerada a incapacidade de evocar as lembranças antes do início da doença, ou seja, o indivíduo esquece tudo, perde a habilidade de recordar as experiências passadas, essas circunstâncias nos mostra que o que somos em cada momento de nossas vidas depende do que vivenciamos desde o nascimento e da preservação dessas experiências sob a forma de lembranças.

DUBAR (1997) para ele, a identidade para si não se separa da identidade para o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro.

Segundo CIAMPA (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da interseção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A família precisa se reconstruir diante das mudanças impostas pela doença, a família é o grupo social primário onde vínculos afetivos estão presentes é a parte mais atingida por essa ruptura. Em determinado estágio da doença o paciente não reconhece as pessoas com as quais conviveu durante anos, chegando ao extremo de não reagir a presença nem solicitação externa, ou seja, quando lhe chamam pelo seu nome.

CONCLUSÃO

O trabalho compreende uma análise do filme “Alice para sempre” (2014) e direciona uma contextualização entre a análise e os autores estudados, o cinema como meio de conversação com a sociedade explora questões que vão surgindo no dia a dia das pessoas, apesar das limitações metodológicas acredita-se que a análise contribui para o meio acadêmico de forma significativa no que diz respeito ao conhecimento dos estágios da doença e suas implicações na vida dos pacientes e sua família.

Baseado nos relatos anteriores fica claro que a perda da identidade do paciente com Alzheimer causa uma devastação tanto na vida do paciente quanto na família.

No processo da perda da memória o passado dos pacientes não mais faz parte do seu presente provocando uma descontinuação na história de vida do indivíduo e da família e sua identidade adquire um novo perfil baseada agora na sua nova condição imposta pela doença; o paciente adquire uma nova identificação por parte das pessoas que a tem agora como referência para o relacionamento, diante da nova realidade a família deve cuidar do doente respeitando seus limites afetivos e físicos determinados pela patologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREASEN, Nancy C.. **Admirável cérebro novo**. 1 ed. porto alegre: Artmed, 2004. 274 p.
- PAIM, Isaías. **Curso de psicopatologia**. 11 ed. São Paulo: EPU, 1993. 285 p.
- KAPEZINSKI, Flávio; QUEVEDO, João; IZQUIERDO, Iván. **Bases biológicas dos transtornos psiquiátricos**.3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 352 p.
- KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**. A recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30, p. 11.
- CIAMPA, Antonio Da Costa. **Identidade**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 124 p.
- DAMASIO, Antonio. **O mistério da consciência**: subtítulo do livro. 2 ed. são Paulo: companhia das letras, 2015. 312 p.
- JACQUES, Maria Da Graça Corrêa. **Identidade** : psicologia social contemporânea. 12 ed. [S.L.]: vozes, 2009. 166 p.
- INTERCOM.ORG.BR. **Identidade e trabalho: um relato sobre as produções científicas brasileiras**.Disponível em :

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/r24-0369-1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

FILME: “Para Sempre Alice” Diretores: Richard Glatzer e WashWestmoreland, Elenco: Julianne Moore, Alec Baldwin, Kristen Stewart, Kate Bosworth, Hunter Parrish, Shane McRae, Stephen Kunken, Victoria Cartagena, Seth Gilliam, Daniel Gerroll, Erin Darke, Kristin Macomber, Caridad Montanez, Produção: James Brown, Pamela Koffler e Lex Lutzus, Roteiro: Richard Glatzer e Wash Westmoreland, Autor da obra em que se baseou o roteiro: : Lisa Genova, Título original: Still Alice Ano: 2014, País de origem: EUA, Gênero: Drama, Cor: Colorido e Duração: 101 minutos.

